

ÍNTIMOS

Sidney de Paulo

Nenhum homem é uma ilha, completa em si mesma; todo homem é um pedaço do continente, uma parte da terra firme. Se um torrão de terra for levado pelo mar, a Europa fica menor, como se tivesse perdido um promontório, ou perdido o solar de um teu amigo, ou o teu próprio. A morte de qualquer homem diminui a mim, porque na humanidade me encontro envolvido; por isso, nunca mandes indagar por quem os sinos dobram; eles dobram por ti (John Donne).

Às vezes os dias de trabalho tornam-se fatigantes e a complexidade de nossa vida solitária sintetiza sonhos não realizados, dores que acompanham o coração do homem desde seu antes de ser. Parece que nascemos tristes, com um olhar direcionado para o nada e o cotidiano insiste em reafirmar nosso enfadonho destino. Tudo que é vivo, morre. E ainda lutamos. Lutamos? Lutamos... mas nossa lógica parece inversa às coisas. Nosso inimigo quer tomar forma e se transubstancia naqueles que nos rodeiam. O Outro deve ser mantido longe, nossa dor é individual, nossos sonhos opostos. Eis que, cumprindo com suas obrigações com o trabalho, certo dia um rapaz embarcou em sentido à capital do Estado de São Paulo. Uma viagem de ônibus, sob um

calor infernal, cinco longas horas exprimido entre as poltronas, com pessoas que o sufocam só pelo fato de existir. Trabalhar em um final de semana é sempre ruim. Que a viagem seja breve.

Logo entrou e já notou que alguém ocupava seu lugar. Aproximou-se, viu que era uma senhora de cabelos brancos, portadora de muitas sacolas e, infelizmente, sorridente.

— Senhora, queira-me desculpar, mas acredito que a senhora está sentada no meu lugar.

— Impossível meu rapaz, meu lugar é este mesmo!

— Se o seu lugar for este, a empresa vendeu dois bilhetes com o mesmo número.

— Será?

— Pois claro, o meu bilhete diz: Poltrona 29, janela.

— Bem, vou olhar o meu bilhete. Poltrona 30, corredor - com um sorriso de vergonha.

A senhora, com muita dificuldade, se deslocou para o corredor enquanto o rapaz, vitorioso em garantir seus direitos legais, apossou-se da poltrona vinte e nove. Depois de alguns minutos sentado, pensando em dormir como uma criança que não quer ver as horas passar, o rapaz viu que aquela viagem ia ser a mais longa de sua vida.

— Qual seu nome, meu rapaz?

— Pedro - respondido em voz grossa.

– Você mora em São Paulo ou está a passeio?

– Trabalho.

– Trabalho? Nossa! Deve ser bem chato trabalhar aos fins de semana. Ele foi feito para descansar. Sabe, a gente trabalha uma vida inteira e nem tem tempo para passear. Descanso? A gente só descansa quando morre mesmo. Ficar longe de casa não lhe incomoda?

– Às vezes.

– Sabe, eu moro na Barra Funda, pertinho da rodoviária. Você é muito jovem. Já esteve em São Paulo?

– Não.

– É a primeira vez?

– Tudo indica que sim (obvio!).

– Mas São Paulo é uma cidade muito perigosa. Na verdade, antigamente, ela era uma cidade muito calma e boa de morar, mas hoje... Você conhece alguém de lá?

– Não.

– Ninguém vai te esperar na rodoviária?

– Não.

Amaldiçoado aquele que inventou o destino, ou o acaso. Dentre cinquenta lugares de um ônibus, porque tinha que comprar justamente esse? Ou melhor, quando observou o erro, poderia ter reclamado ao motorista, ter feito um escândalo. Enfim, qualquer coisa seria melhor que aquela tortura psicológica, aquela falta de humanidade com

os trabalhadores de fim de semana. Todavia, o erro já havia sido cometido e o relógio se tornara um desprezível inimigo.

– Você tem filhos?

– Não.

– Pais? Quantos anos você tem?

– Vinte.

– Nossa, muito novo mesmo. Minha neta tem vinte anos, como você, e tem a mesma beleza. Meus netos e meus filhos gostam muito de mim e se preocupam bastante com minha saúde. Eles nem queriam deixar eu vir sozinha nesta viagem, mas vim. Sou forte e não quero ficar dependendo dos outros. Num gosto, mas às vezes a idade me obriga. Me ajuda a levantar? Preciso ir ao banheiro.

– Claro! (minutos de paz!)

– É, São Paulo é muito perigosa (como voltou rápido!). Você não pode ficar por aí, sem mãe, sem amigos de boa família. E se você precisar de ajuda? Já sei, vou lhe dar meu telefone, endereço e nome completo. Você tem uma caneta e papel?

– Não.

– Não tem importância, eu peço aí pelo ônibus!

Em uma fração de segundos, a gentil senhora voltou com a caneta e papel. Escreveu o bilhete, entregou ao jovem que, por educação, pegou e guardou. Vendo que a batalha estava perdida, lembrou-se de uma velha lição: se não pode vencê-lo, junte-se a

ele. Assim, começou um diálogo, após uma hora de árdua resistência. Envolveu-se rapidamente pela encantadora e simpática senhora. Trocaram causos, risos, verdades. Chegamos...

– Incrível como as horas passaram tão rápido – exclamou o rapaz.

– É mesmo! Sabe, você vai ter a oportunidade de conhecer minha neta. Ela vem me buscar na rodoviária.

Ao descer do ônibus, o rapaz foi apresentado a uma moça muito bonita que o recebeu com um rosto róseo e (será que isso era hereditário?) sorridente.

– Vejo que você e minha avó são grandes amigos! Você não quer ir até a nossa casa tomar um café? É pertinho. Aliás, há quanto tempo vocês se conhecem?

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA